



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CONTAR 30 ANOS. A ACTIVIDADE DA COMISSÃO DE ESTUDOS OLISIPONENSES (1994-2024)

Carlos Boavida

Instituto de Arqueologia e Paleociências – Universidade Nova de Lisboa; Associação dos Arqueólogos Portugueses; Grupo Amigos de Lisboa / cmpboavida@gmail.com

Resumo

Em 2019, entre outras efemérides relacionadas com a Olisipografia, assinalou-se o 25.º aniversário da reabilitação da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses que, com outra designação, havia sido extinta em 1933.

Entre outras questões abordadas, fez-se um pequeno balanço sobre a actividade da Comissão ao longo dos seus 25 anos de existência. Entretanto, passados mais cinco anos, aqui fica uma breve história das últimas três décadas da Comissão de Estudos Olisiponenses.

Palavras-chave: Olisipografia, Lisboa, História.

Abstract

In 2019, among other events related to Olisipography, the 25th anniversary of the reinstatement of the Committee for Lisbon Studies was celebrated. Under a different name, this section of the Portuguese Archaeologists Association had been closed in 1933. Among other topics discussed, there was a brief review of the Committee's activities over its 25 years of existence. After five years, here is the short history of the last 30 years of the Committee for Lisbon Studies.

Keywords: Olisipography, Lisbon, History.

1. ALGUNS DADOS HISTÓRICOS QUE IMPORTA RELEMBRAR

A História de Lisboa sempre despertou grande interesse por parte dos seus habitantes, pelo que a indiferença e incapacidade por parte dos poderes decisórios para promover a sua salvaguarda levou, desde muito cedo, a que vários engenheiros e arquitectos tivessem intenção de se organizar tendo em vista colmatar essa situação (Martins & Gomes, 2002). É neste âmbito que surge a *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* (RAACAP) – actual Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP). Desde 1863, data da sua fundação, houve interesse na criação de um museu, o que só foi possível após a cedência das ruínas da Igreja do Carmo, onde o Museu Arqueológico do Carmo veio a ser aberto ao público em 1865. As obras de adaptação do espaço prolongaram-se ao longo dos anos, albergando aquele espaço elementos arquitectónicos que se encontravam dispersos pela cidade de Lisboa e cuja preservação era necessário acautelar (Martins & Gomes, 2002). Embora, progressivamente, tenham integrado o acervo do museu artefactos com outras proveniências geográficas, a maioria continuava a ser (e continua) de algumas das mais emblemáticas edificações da cidade de Lisboa (Martins & Gomes, 2002). O então também conhecido como Museu de Archeologia de Lisboa começava a tornar-se naquilo que ainda é hoje, uma caixa de memórias de uma cidade que estava em evolução e mais não voltaria a existir, resguardando esculturas, lápides, pedras de armas e outras cantarias de edifícios dos quais, em muitos casos, não resta mais nenhuma evidência física.

Entretanto, no seio da RAACAP, tendo em vista o estudo do acervo à sua guarda e também do património histórico nacional, começam a organizar-se variadas secções temáticas. A *Sub-secção de Archeologia de Lisboa* foi informalmente criada em 1901. Era uma das sete¹ então criadas dentro da *Secção de Archeologia* da RAACAP –, sendo a sua mesa constituída por Júlio de Castilho, Francisco Marques de Sousa Viterbo e António Augusto de Carvalho Monteiro (Martins, 2006).

A autonomia desta temática em secção própria ocorreu apenas em Maio de 1912. A então designada Secção de Archeologia Lisboense (SAL), presidida por José de Queiróz e tendo como vice-presidente D. José Pessanha, integrava ainda Gustavo Matos Sequeira,

Jesuíno Ganhado, Francisco Soares O’Sullivand, Ribeiro Cristino, António César Mena Júnior, Luís Bettencourt, Jacinto Bettencourt, Virgílio Correia, Afonso de Ornelas, Alberto Gusmão Navarro, Augusto Botelho da Costa Veiga, Manuel José dos Santos Farinha, Xavier da Costa, Reynaldo dos Santos, Alberto Mac-Bride Fernandes, António José Arroio e Francisco Nogueira de Brito. Mais tarde juntaram-se a estes, entre outros, Augusto Vieira da Silva, Alberto de Sousa, Eduardo Neves, Norberto Araújo, Luís Pastor de Macedo e José Artur Bárcia (Santana, 2001).

A regularidade semanal das reuniões dos primeiros anos reflecte em grande medida o enorme dinamismo da SAL e o envolvimento dos seus membros nas acções então desenvolvidas em prol da defesa e valorização do património histórico da cidade de Lisboa. Em acordo com o aprofundado estudo levado a cabo por Ana Cristina Martins e com os resumos das actas publicados por Joaquim Parro², são inúmeras as questões abordadas nas quase 240 reuniões ocorridas, desde a defesa do Arco de Santo André e da Torre de Belém, passando pelo acolhimento no museu de diversas peças históricas, a criação de diversas comissões de trabalho, a organização do primeiro Museu da Cidade ou a realização de visitas a vários monumentos (Martins & Gomes, 2002; Martins, 2006; Parro, Santana & Salvado, 1983; Parro, Santana & Castelo-Branco, 1984a; 1984b). Contudo, a *Exposição Olisiponense*, inaugurada em Março de 1914, talvez seja a iniciativa mais marcante (Chaves, 1914). Esta mostra teve lugar no âmbito das comemorações do 50.º aniversário da AAP.

Em 1922, devido a alterações ao nível estatutário, a SAL deu lugar à Secção de Estudos Olisiponenses, numa época em que a regularidade das reuniões era então bastante menor que nos anos iniciais, sendo frequente o cancelamento das mesmas por falta de *quórum*. Por outro lado, o desaparecimento de algumas das figuras proeminentes da SAL levou igualmente a uma diminuição das actividades. A secção acabaria por ser definitivamente extinta em 1933 após nova revisão estatutária ocorrida na AAP, facto anunciado com alguma antecedência e de certo modo bastante contestado. A maior parte dos elementos que faziam parte desta secção viria a fundar, em 1936, o Grupo Amigos de Lisboa.

¹ As outras subsecções eram dedicadas à *Archeologia Prehistórica*, *Archeologia Cristã*, *Archeologia Nacional*, *Numismática*, *Heráldica* e *Bibliographia Archeologica* (Martins, 2006).

² Joaquim Parro viria a ser vice-presidente da primeira mesa da Comissão de Estudos Olisiponenses eleita em 1994.

2. BREVE HISTORIAL DA COMISSÃO DE ESTUDOS OLISIPONENSES

Foi no dia 3 de Novembro de 1994 que se reuniu pela primeira vez a Comissão de Estudos Olisiponenses (CEO), tendo nesse âmbito sido eleitos como membros da mesa Fernando Castelo-Branco (P), Joaquim Parro (VP) e Ana Cristina Neto (S). A proposta da reabilitação partiu do primeiro daqueles à direcção da AAP, então presidida por Francisco Santana, tendo sido aprovada por unanimidade e louvor em Janeiro do ano anterior³. Contudo, em Julho de 1995, alegando o pouco dinamismo que a comissão acabou por ter e também a sua falta de tempo devido aos seus muitos compromissos profissionais na universidade, Fernando Castelo-Branco abandonou a presidência da comissão e também a AAP⁴.

Com efeito, a regularidade das reuniões passou a ser tendencialmente mensal, reflectindo assim uma menor disponibilidade dos elementos da comissão para as acções desenvolvidas. Embora ao longo dos anos se tenham vindo a juntar à comissão vários investigadores, muitos deles que integravam também as outras secções da AAP, verificou-se quase sempre uma grande dificuldade em atrair novos vogais para participarem nas iniciativas organizadas. Não obstante, nos últimos 30 anos a comissão reuniu em cerca de 150 ocasiões, no âmbito das quais foram apresentadas inúmeras investigações. Por questões de espaço disponível do ponto de vista editorial, não é neste momento pertinente fazer um sumário idêntico ao elaborado por Joaquim Parro, pelo que este breve historial dará destaque apenas a alguns dos eventos mais marcantes levados a cabo pelas várias direcções que se têm sucedido desde 1994, tendo em conta a informação que se encontra patente nas actas das reuniões, mas também nos relatórios de actividades que foram sendo publicados e constam nas referências bibliográficas.

No triénio inicial, de 1994 a 1996, uma das primeiras acções foi convidar vários investigadores que trabalham sobre a História de Lisboa para integrarem a comissão. Um outro assunto que foi reiteradamente abordado foi o da toponímia das ruas da cidade, visto que, do ponto de vista de vários dos associados, existiam alguns problemas que era premente solucionar. Embora as opções escolhidas fossem então também

³ Cf. *Livro de Actas da Direcção da AAP – 1993*. Arquivo Histórico – AAP.

⁴ Cf. *Livros I e II de Actas da Comissão de Estudos Olisiponenses*. Arquivo Histórico – AAP.

a debate e votação na Assembleia Municipal, o presidente da mesa da comissão sublinhou que cabia à Comissão de Toponímia da Câmara Municipal de Lisboa (CML) a responsabilidade sobre este tema. Contudo, eram inegáveis alguns problemas, desde a existência de ruas com designações semelhantes, à falta de precisão de algumas daquelas, passando por vários erros ortográficos. Outra questão que foi referida por Simas Alves Azevedo era o facto da renomeação recente de alguns arruamentos, historicamente sem sentido, levar a que a maioria da população ignorasse as novas designações, continuando a usar aquelas que existiam anteriormente (facto que ainda hoje sucede).

Referindo que mudanças ao nível toponímico implicam uma série de problemas, o presidente da mesa colocou à discussão a possibilidade de se propor que um membro da AAP integrasse a comissão de toponímia. A ideia teve diversos apoiantes, sendo sugerido que nas novas tabuletas fosse colocada a antiga designação dos arruamentos, como se verifica em outras cidades portuguesas como Évora ou Faro. Foram igualmente propostos vários nomes de personalidades a homenagear pela toponímia lisboeta. Apesar do entusiasmo inicial, a atenção a este tema e o debate a ele dedicado acabaram por não se concretizar em nenhuma acção mais substancial.

Outra preocupação da comissão, assim como das outras secções e da direcção da AAP, foi a estabilidade e conservação das ruínas da Igreja do Carmo, devido às obras do Metropolitano de Lisboa.

Nas eleições realizadas em Junho de 1996, a mesa cessante foi eleita por unanimidade, alterando-se apenas o presidente, cargo que passou a ser da responsabilidade de António Dias Diogo. Este último sugeriu a realização de uma reunião de trabalho para elaborar uma proposta a enviar à direcção da AAP, tendo em vista repensar a organização das publicações. Em Novembro de 1998, foi organizado o primeiro colóquio temático “Estudos de Lisboa – Séculos XVI a XIX”, cujas actas seriam editadas na revista *Arqueologia & História* no ano 2000. No ano seguinte, foram dados à estampa os resultados de mais um colóquio temático, dedicado aos “Estudos de Lisboa – Séculos VIII a XV”, ocorrido em Novembro de 1999.

Em Dezembro de 1999, foi eleita nova mesa da comissão, que passou a ser secretariada por Nestor Faria Vital, mantendo-se António Dias Diogo como presidente, com Ana Cristina Neto na vice-presidência. Numa das reuniões então ocorridas, Faria Vital pediu a palavra para fazer uma proposta relativamente à reactivação da antiga Comissão de Numismática da AAP, solicitando

que os Estudos Olisiponenses apadrinhassem a ideia junto da direcção da AAP. O presidente da mesa concordou com o que foi proposto, tendo em vista aumentar o dinamismo da AAP. Porém, não podia igualmente deixar de concordar com os comentários da vice-presidente. Com efeito, Ana Cristina Neto referiu vários problemas relativamente a esta questão. Se por um lado se verificava uma fraca participação em entidades deste tipo, situação cuja mudança poderia passar por alterações ao nível estatutário, não se podia ignorar o facto de serem muito poucos os numismatas na AAP para que se justificasse a autonomização. Apesar destas questões, a proposta foi aprovada por unanimidade, sendo depois enviada à direcção da AAP. Parte-se do pressuposto de que não terá sido acolhida por este órgão, uma vez que aquela comissão não foi reabilitada.

Devido às obras que decorriam então no Museu Arqueológico do Carmo, algumas reuniões da comissão tiveram lugar no auditório da estação do metropolitano do Alto dos Moinhos, situação que só é referida em algumas das actas. Talvez esse seja um dos motivos para a regularidade destas reuniões ter diminuído, passando a ser apenas três anualmente até 2003, data em que volta a ser mencionada a realização das mesmas na sede da AAP.

A primeira reunião de 2003, ocorrida em Abril, foi muito concorrida. Com efeito, no âmbito desta tiveram lugar eleições para a mesa da comissão, tendo-se apresentado duas listas a votação e sido admitidos mais de 22 vogais. 29 sócios exerceram o seu direito de voto presencialmente e outros 12 por correspondência, num total de 41 votos expressos. Saiu vencedora a Lista A, apenas com um voto de diferença: António Dias Diogo (P), Nestor Vital (VP) e Laura Trindade (S). Neste mesmo ano começou a ser preparada a realização de mais um colóquio sobre História de Lisboa, a ter lugar em 2005, tendo em vista assinalar os 250 anos do Terramoto de 1755. O encontro veio a ter lugar no final de Outubro daquele ano.

Em Abril de 2006, não tendo sido entregue nenhuma lista para eleição de uma nova mesa, o impasse foi ultrapassado com a criação de uma lista no momento, que foi aprovada por unanimidade: Carlos Consiglieri (P), Ramos Baptista (VP) e Francisco Santana (S). Embora a actividade tenha então sido quase reduzida a conferências apresentadas no âmbito das reuniões ordinárias da comissão, as actas são muito descritivas sobre os temas abordados pelos investigadores, assim como sobre os debates que se lhes seguiam.

Nova mesa foi eleita em Fevereiro de 2009, constituída por Eduardo Sucena (P), Rui Costa Pinto (VP) e

Fernando Andrade Lemos (S), mantendo-se a regularidade das reuniões e também a súmula das comunicações apresentadas em acta. Em Maio de 2011, decorreu o colóquio “1811-2011 – Duzentos anos após a Terceira Invasão” no âmbito do qual tiveram lugar sete comunicações.

António Dias Diogo voltou à presidência da mesa da comissão em 2012, tendo Laura Trindade como vice-presidente e mantendo Andrade Lemos como secretário. Infelizmente, deste triénio só existem duas actas, embora tenham ocorrido mais sessões.

Em meados de 2015, tomou posse uma nova mesa, constituída por Mário Varela Gomes (P), Tânia Manuel Casimiro (VP) e Carlos Boavida (S). Na primeira reunião lançou-se logo a ideia de organizar um colóquio evocativo dos 260 anos do Terramoto de 1755, a ter lugar em finais de Outubro, o qual foi organizado em colaboração com a Secção de História, situação que se tem repetido em várias iniciativas desde então. As actas deste encontro foram publicadas na revista *Arqueologia & História* em 2018. Além das reuniões ordinárias, onde foram apresentados vários trabalhos de investigação, assim como as publicações recentes sobre Lisboa, foi intenção da mesa organizar todos os anos um colóquio, o que veio efectivamente a suceder. Em Março de 2016 e em Maio de 2017, tiveram lugar dois colóquios de homenagem a duas figuras que se destacaram na Olisipografia e que fizeram parte da CEO: Fernando E. Rodrigues Ferreira e Eduardo Sucena, tendo este último sido presidente da mesa. As comunicações apresentadas nestes dois colóquios – “Do Carmo a São Vicente” e “Esta Lisboa que eu amo...” – foram publicadas na revista *Arqueologia & História*. O mesmo sucedeu com os trabalhos apresentados em outro encontro organizado em 2018 – “A Morte em Lisboa – Novos Dados, Novas Problemáticas”.

Com uma nova mesa, que passou a integrar Guilherme Cardoso (VP), passando Tânia Casimiro a presidente, manteve-se a mesma política que anteriormente. Assim, em 2018, uma vez mais em colaboração com a Secção de História, foi organizado um outro colóquio, intitulado “Silos, matamoras e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno”, cujos textos resultantes se publicam no presente volume da *Arqueologia & História*. Nesse mesmo ano, teve ainda lugar um pequeno encontro – “Quotidianos Contemporâneos em torno de Lisboa. Contributos da Arqueologia” – que foi o primeiro do género sobre esta temática, vista cada vez com mais interesse pelos investigadores.

Em 2019, no âmbito do 25.º aniversário da Comissão de Estudos Olisiponenses, a mesa promoveu uma

série de iniciativas. Além de um colóquio no qual se assinalou aquela efeméride, assim como os 25 anos da publicação de *O Livro de Lisboa* e do *Dicionário de História de Lisboa*, aquela ocasião foi igualmente considerada oportuna para homenagear Francisco Santana que, como se referiu anteriormente, integrou vários órgãos sociais da AAP, incluindo a mesa da CEO. Neste mesmo ano, organizou-se também um ciclo de conferências para comemorar 25 anos da realização da exposição “Lisboa Subterrânea”. Esta iniciativa foi organizada em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia e o Centro de Arqueologia de Lisboa. A ideia que norteou este ciclo, que se consistiu em várias sessões ao longo do ano, foi analisar e debater a evolução da Arqueologia na cidade de Lisboa ao longo dos 25 anos após a exposição, bem como o seu estado actual. O livro que resultou desta iniciativa constitui o Suplemento n.º 12 a *O Arqueólogo Português* (2024), revista editada pelo Museu Nacional de Arqueologia. A obra foi apresentada precisamente neste museu, em Janeiro de 2025, na galeria onde a exposição teve lugar, no dia em que passaram 30 anos do encerramento daquela mostra.

Os condicionalismos provocados pela situação pandémica no início de 2020 levaram a uma diminuição drástica da regularidade das actividades desenvolvidas até então. Embora tenha estado prevista uma comunicação no início daquele ano, a mesma acabou por ser cancelada devido ao confinamento obrigatório. As actividades foram retomadas apenas em Junho de 2021, com a reeleição da mesa com a mesma lista e a realização de uma comunicação através das plataformas informáticas. Foi então o tempo de editar a maior parte dos textos resultantes das iniciativas organizadas nos anos anteriores.

Os afazeres profissionais dos membros da mesa condicionaram grandemente a organização de actividades nos dois últimos anos, tendo ocorrido apenas algumas reuniões *online* e um colóquio, em 2023, sob o título “Parece que foi ontem... encontro sobre arqueologias contemporâneas”, novamente em colaboração com a Secção de História.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Infelizmente, é escassa a informação disponível relativamente ao que terá estado na origem da renovação da Comissão de Estudos Olisiponenses, mas tal facto não terá sido certamente alheio à organização da Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura e ao renovado interesse que então se verificava pela História da cidade e que

resultou, entre outros, na publicação, naquele mesmo ano, de *O Livro de Lisboa*, do *Dicionário de História de Lisboa* e do catálogo da exposição *Lisboa Subterrânea*.

Porém, a regularidade e a participação nas actividades desenvolvidas é muito menor do que sucedia nas entidades congéneres existentes nas primeiras décadas do século XX, o que tem de certo modo limitado as iniciativas, apesar dos esforços dos elementos das sucessivas mesas e dos vogais da comissão. Esta situação reflecte vários aspectos, nomeadamente o facto de que parte significativa das temáticas abordadas neste tipo de entidade deixou de ser do conhecimento apenas do que poderíamos chamar uma espécie de *elite intelectual*, passando a ser objecto de estudo de investigadores e académicos que apresentam, discutem e publicam os seus trabalhos numa lógica muito diferente daquela que existia no início do século passado. Por outro lado, ao longo das últimas décadas o número de entidades e de iniciativas tornou-se muito mais diversificado, assim como os formatos que estas últimas podem tomar, dispersando-se igualmente o público, também ele muito diferente daquele que existia antigamente. Além dos níveis de escolaridade serem muito distintos, outra situação tem afastado o público de muitas das iniciativas organizadas maioritariamente em período pós-laboral. Nos últimos anos, devido à especulação imobiliária, muitas pessoas têm deixado de residir nos principais centros urbanos, estando sujeitas a horários complicados em termos de transportes públicos e que não lhes permitem participar nas actividades desenvolvidas pelas várias entidades deste tipo. Na maior parte dos casos, é complicada a captação de público para reuniões ordinárias onde tem lugar apenas uma conferência, exceptuando quando se trata de algum tema de grande interesse. Os encontros ou colóquios com várias comunicações são os que obtêm maiores preferências. Porém, se para os investigadores os dias de semana são aqueles que são considerados mais adequados, para o público os dias de eleição são ao fim-de-semana.

Embora não se negue a importância de os investigadores corresponderem às exigências que lhes são solicitadas pela sua vida profissional, é preciso não esquecer que é igualmente importante que a sociedade que apoia e financia o seu trabalho tenha acesso ao mesmo. Para além das apresentações e publicações académicas, muitas vezes para os seus pares, é necessário também fazer chegar esse conhecimento a quem vai dele beneficiar, sendo de grande valia o papel as entidades da sociedade civil, como é o caso aqui em análise.

Por último, não pode deixar de se lamentar o facto da maior parte dos protagonistas desta história, infelizmente, já ter falecido. Fica aqui a homenagem a todos eles.

REFERÊNCIAS

Arquivísticas – Arquivo Histórico da AAP

Livro de Actas da Assembleia-Geral da AAP.

Livros I e II de Actas da Comissão de Estudos Olisiponenses.

Livro de Actas da Direcção da AAP – 1993.

Bibliográficas

BAPTISTA, J. Ramos (2006/2007) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ano associativo de 2005-2006. *Arqueologia & História*, 58/59. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 206.

CASIMIRO, Tânia Manuel; CARDOSO, Guilherme; BOAVIDA, Carlos (2020) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2018. *Arqueologia e História*, 70 (2018). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 357-364.

CASIMIRO, Tânia Manuel; CARDOSO, Guilherme; BOAVIDA, Carlos (2022a) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2019. *Arqueologia e História*, 71/72 (2019/2020). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 275-286.

CASIMIRO, Tânia Manuel; CARDOSO, Guilherme; BOAVIDA, Carlos (2022b) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2020. *Arqueologia e História*, 71/72 (2019/2020). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 287-290.

CASIMIRO, Tânia Manuel; CARDOSO, Guilherme; BOAVIDA, Carlos (2022c) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2021. *Arqueologia e História*, 73 (2021). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 355-358.

CHAVES, Luís (1914) – A Exposição Olisiponense no Museu Arqueológico do Carmo. *O Arqueólogo Português*, 19, pp. 90-92.

GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos (2017) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2015. *Arqueologia e História*, 66/67 (2014/2015). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 179-184.

GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos (2018) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2016. *Arqueologia e História*, 68 (2016). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 261-265.

GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos (2019) – Comissão de Estudos Olisiponenses. Relatório de Actividades do ano 2017. *Arqueologia e História*, 69 (2017). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253-262.

MARTINS, Ana Cristina (2006) – A Secção de Arqueologia de Lisboa: um legado (indirecto) de Possidónio da Silva (1806-1896). *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, 24/25 – II Série. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 84-117.

MARTINS, Ana Cristina; GOMES, João José Fernandes (2002) – A Associação dos Arqueólogos Portugueses e a cidade de Lisboa: uma eterna cumplicidade. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, 24/25 – II Série. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 61-106.

NETO, Ana Cristina (1999a) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ano associativo de 1995-1996. *Arqueologia & História*, 51. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 269.

NETO, Ana Cristina (1999b) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ano associativo de 1996-1997. *Arqueologia & História*, 51. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 281.

NETO, Ana Cristina (2000a) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ano associativo de 1997-1998. *Arqueologia & História*, 52. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 283.

NETO, Ana Cristina (2000b) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ano associativo de 1998-1999. *Arqueologia & História*, 52. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 293.

NETO, Ana Cristina (2001) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses referente ao ano associativo de 1999-2000. *Arqueologia & História*, 53. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 385.

NETO, Ana Cristina (2002) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses referente ao ano associativo de 2000-2001. *Arqueologia & História*, 54. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 328.

NETO, Ana Cristina (2003) – Relatório da Comissão de Estudos Olisiponenses 2001-2002. *Arqueologia & História*, 55. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 231.

PARRO, Joaquim; SANTANA, Francisco; CASTELO-BRANCO, Fernando (1984a) – As actas das Secções de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses – II. *Lisboa – Revista Municipal*, 7, pp. 44-63.

PARRO, Joaquim; SANTANA, Francisco; CASTELO-BRANCO, Fernando (1984b) – As actas das Secções de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses – III. *Lisboa – Revista Municipal*, 8/9/10, pp. 41-64.

PARRO, Joaquim; SANTANA, Francisco; SALVADO, Salete (1983) – As actas das Secções de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses – I. *Lisboa – Revista Municipal*, 5/6, pp. 3-41.

SANTANA, Francisco (2001) – As Secções de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, 15 – II Série. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 123-125.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt